

Na Polônia, golpe final na inflação

FÁBIO PAHIM JR.

A fixação da taxa cambial foi só o golpe final dado na Polônia para derrotar uma inflação que atingia 2.000% ao ano no final de 1989. Antes disso, o país fez um conjunto ortodoxo de reformas negociado com o FMI e que provocou forte recessão: a produção industrial caiu 24,2% em 1980, 11,9% em 1991 e só voltou a crescer (3,5%) em 1992, conforme dados da Comissão Econômica para a Europa, das Nações Unidas.

Conhecido como Plano Balcerowicz, o programa polonês deu início à economia de mercado (que não existia no país), promoveu agudo aperto nas políticas monetária e fiscal e

baseou-se nos seguintes pontos: privatização em grande escala; conversibilidade da moeda (o zloty); corte de subsídios; controle dos salários; liberdade de preços; fim dos monopólios; instauração de um sistema bancário do tipo ocidental; reforma fiscal; criação de um mercado de ações; mudança no estatuto da propriedade.

"O FMI está gostando do que ocorre lá", comenta o economista Michal Gartenkraut, da Rosenberg & Associados, notando que a Polônia não chegou a ter inflação crônica como o Brasil. "Mas a receita foi tão forte que o governo parlamentarista caiu, antes de conseguir resultados brilhantes."

"Só há uma receita de bolo — privatização, abertura comercial, desregulamentação, integração à economia internacional", observa Igor Cornelisen, cujo banco, o West Merchant, tem atuação mundial.

Um analista da área bancária observa que no Brasil, o programa poderia ser mais parecido com o mexicano. Lá, o governo simplesmente anunciou que o câmbio foi prefixado, paralisou os aumentos dos preços públicos, inclusive gasolina e convocou os sindicatos para fixar os salários. As empresas elevaram os preços só para compensar o aumento salarial e a indexação não foi abolida, para não quebrar os contratos.